

Informe **FECOMÉR CIOPE**

ANO XIV | EDIÇÃO Nº 83 | SET/OUT 2025



08 | História de Empreendedor
Gildo Lanches: uma história
marcada por comidas e bebidas



30 | Entrevista
Michelle Melo relembra
sua trajetória no brega



O dom de poder cantar...

20

BREGA



RESERVE JÁ!



INFORMACOES

☎ (87) 3846-2800

Siga @turismosescepe



HOTEL SESC. O CLIMA PERFEITO PARA VIVER TRIUNFO.



Tripadvisor
Travellers'
Choice Awards



Fecomércio
Senac

PORTAL SEBRAE

Tudo em
um só
lugar!



Conheça o Portal Sebrae

Um espaço feito para você, com tudo o que precisa em um só lugar: cursos gratuitos e rápidos, ferramentas práticas para o dia a dia do negócio, consultorias especializadas, orientações sobre emissão de nota fiscal, finanças, marketing e muito mais.

Acesse quando e onde quiser. O Portal é simples, direto e pensado para quem empreende



Leia o QR-Code
e acesse agora
mesmo

0800 570 0800
www.sebrae.com.br/pernambuco

  Sebrae Pernambuco
  sebraepe





Bernardo Peixoto
Presidente do Sistema
Fecomércio/Sesc/Senac-PE

Editorial

NO RITMO DO BREGA

Nesta edição da Informe Fecomércio, celebramos um dos pilares mais vibrantes da identidade recifense: o brega. Mais do que um gênero musical, ele traduz afetos, pulsa na vida cotidiana e redefine territórios culturais da nossa cidade. Por isso, merece estampar nossa capa. A reportagem se conecta à entrevista com Michelle Melo, artista cuja trajetória se confunde com a evolução do movimento. Sua história revela como o brega cresceu, se transformou e se consolidou como símbolo da criatividade e da força popular do Recife.

No campo da educação, destacamos a participação de Pernambuco no Congresso Internacional de Inovação na Educação 2025, realizado pelo Senac. O encontro reuniu especialistas nacionais e internacionais para debater caminhos possíveis para os principais desafios das escolas. Professores e gestores pernambucanos apresentaram experiências inspiradoras, baseadas em tecnologia, inclusão e metodologias ativas. A troca de saberes e práticas reforça nosso compromisso com uma educação que dialoga com o presente e projeta o futuro.

O Sesc também marcou presença com o Congresso de Gerontologia, realizado no Cais do Sertão. O evento reuniu iniciativas de referência no cuidado e na valorização da terceira idade, discutindo saúde, convivência, autonomia e envelhecimento ativo. Em paralelo, a sessão “Um Outro Olhar” convida o leitor a redescobrir o Rio Capibaribe, destacando suas possibilidades de lazer, contemplação e conexão com a história da cidade.

Ainda nesta edição, revisitamos a trajetória do emblemático Gildo Lanches, um patrimônio afetivo que atravessa gerações e integra a memória gastronômica do Recife. E encerramos com a coluna “Por Falar em Economia”, na qual o economista Rafael Lima discute como o Portal do Hub do Comércio amplia o acesso a informações estratégicas e ferramentas de gestão, fortalecendo a tomada de decisão dos nossos empreendedores.

Seguimos juntos, no ritmo que move Pernambuco.

Boa leitura a todos.

Bernardo Peixoto
Presidente do Sistema Fecomércio/Sesc/Senac-PE





Bernardo Peixoto
Presidente

Joaquim de Castro
1º Vice-Presidente

Milton Tavares
2º Vice-Presidente

Archimedes Cavalcanti
3º Vice-Presidente

Douglas Sena
Vice-Presidente para
Assuntos do Comércio de
Agentes Autônomos

Edivaldo Guilherme
Vice-Presidente para
Assuntos do Comércio
Atacadista

Felipe Freire
Vice-Presidente para
Assuntos do Comércio
Armazenador

Ivan Gomes
Vice-Presidente para
Assuntos do Comércio de
Turismo e Hospitalidade

José Carlos de Santana
Vice-Presidente para
Assuntos do Comércio
Varejista

Ozeas Gomes
Vice-Presidente para
Assuntos do Comércio de
Serviços de Saúde

José Carlos da Silva
1º Diretor Secretário

João Maciel
2º Diretor Secretário

Gustavo Machado
3º Diretor Secretário

Valdemar Alves
1º Diretor Tesoureiro

Ana Maria Caldas
2ª Diretora Tesoureira

Roberto França
3º Diretor Tesoureiro

Adélia Cristina
Diretora para
Assuntos Sindicais

Alberes Lopes
Diretor para Assuntos
de Crédito

Elias Salomão
Diretor para Assuntos de
Desenvolvimento Comercial

Fábio Lisandro
Diretor para Assuntos
do Setor Público

José Jorge da Silva
Diretor para Assuntos
de Consumo

Marcos de Santana
Diretor para Assuntos de
Relações do Trabalho

Michel Jean Wanderley
Diretor para Assuntos
Tributários

Paula Cavalcanti
Diretora para
Assuntos de Turismo

Roberto Wagner
Diretor para Assuntos
de Comércio Exterior

Evandro Alves de Lima
1º Conselheiro Fiscal Efetivo

Jailson Delfino
2º Conselheiro
Fiscal Efetivo

Ramon Cosmo da Silva
3º Conselheiro
Fiscal Efetivo



Avenida Visconde de Suassuna, nº 265,
Santo Amaro, Recife-PE | CEP 50050-540
Tel.: (81) 3231-5393 / 3231-6175
www.fecomercio-pe.com.br



/FECOMERCIOPE
 @FECOMERCIOPE
 FECOMERCIO-PE.COM.BR



@CARTAODOEMPRESARIO
 CARTAODOEMPRESARIO.COM.BR

Expediente

Set/ Out 2025 | Edição 83

Coordenação Geral/ Edição
Lucila Nastássia

Coedição
Tainá Silva

Projeto Gráfico
Nilo Monteiro

Diagramação
Nilo Monteiro e Maria Eduarda Morato

Fotos Agência Maker Mídia

Fotógrafos
Anderson Freitas e Rasta no Click

Revisão Fabiane Cavalcanti

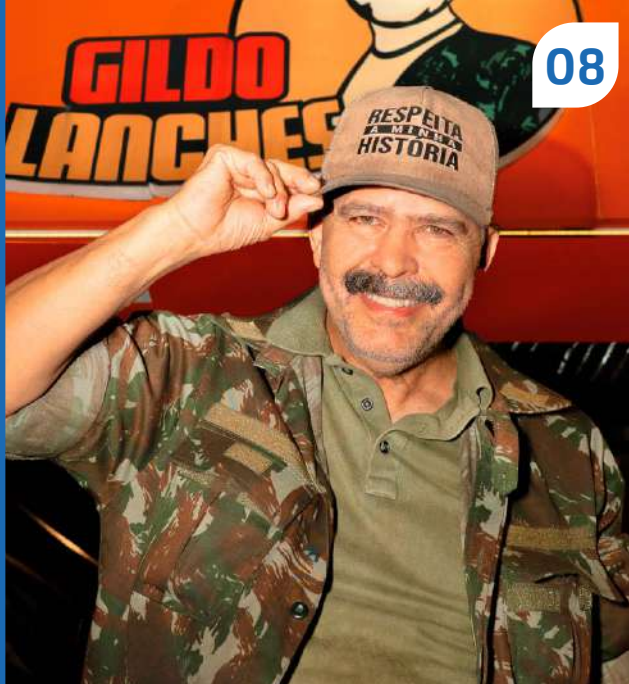
Impressão CCS Gráfica

Tiragem 4.000 exemplares

Obs.: Os artigos desta revista não refletem
necessariamente a opinião da publicação.

Conteúdo produzido pelo
Núcleo de Branded Content
da Dupla Comunicação





08



Sumário

08

História de Empreendedor

Gildo Lanches: tradição, sabores e memórias da vida noturna recifense

14

Fecomércio e Você – Fecomércio

Seminários analisam Missão Empresarial Nordeste do Brasil ao Japão e à China

20

Pense Positivo

O brega como símbolo vivo da cultura popular do Recife

30

Entrevista

Michelle Melo relembra sua trajetória no brega e sua relação com a cidade

40

Fecomércio e Você – Senac

Inovação educacional em destaque no Congresso Internacional 2025

46

Um Outro Olhar

Rio Capibaribe: passeios e experiências para redescobrir o rio

50

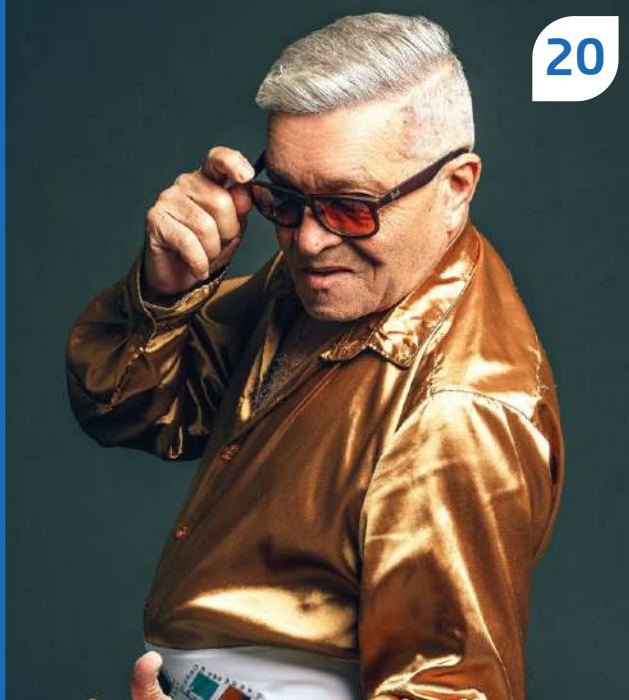
Fecomércio e Você – Sesc

Gerontologia em pauta no Cais do Sertão com foco em cuidado e bem-estar

54

Por Falar em Economia

Rafael Lima analisa como o Portal do Hub do Comércio fortalece a gestão empresarial



20



30





História de Empreendedor

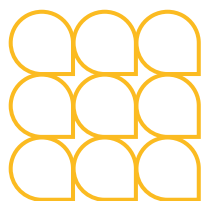
Por Álex Fialho

Tradição que alimenta o Recife

Mais do que um simples ponto de comida de rua, Gildo Lanches se firmou como parte viva da memória afetiva do Recife.

O negócio, nascido há mais de 20 anos sobre uma bicicleta de carga, percorreu ruas e madrugadas levando sabor e alegria a quem cruzava seu caminho. A cada lanche vendido, consolidava-se uma história de esforço, criatividade e identidade recifense.





Hoje, com ponto fixo em frente à Praça do Derby, o espaço se tornou um verdadeiro marco da cidade, um lugar onde gerações se encontram, conversas se misturam e os sabores se transformam em lembranças. O atendimento carismático e o cardápio singular ajudaram a transformar o que era um pequeno empreendimento em um símbolo cultural e gastronômico do Recife. O empreendedor relembra um pouco de sua trajetória.

“Eu sou recifense. Vivi minha infância no bairro da Iputinga. Na adolescência, tinha que vender tapioca e cocada para ajudar minha família. Fazia bicos e, quando adulto, consegui um emprego em uma empresa de vigilância. Porém,

houve um corte e fiquei desempregado. Para manter a casa (esposa e filhos), fui ajudante de pedreiro e, depois, trabalhei em um lugar que vendia almoço. Depois de um tempo, comprei uma bike de carga e comecei a empreender. Vendia lanches pelas ruas do Recife — isso foi há mais de 20 anos.

Enfrentei muitas dificuldades, como dias com poucas pessoas nas ruas, chuvas, frio e violência. No início, eu vendia pelas ruas da cidade, principalmente nos bairros dos Torrões, Caxangá, Madalena, Torre e Derby. Só que veio a pandemia, e tivemos que encontrar um local fixo. Surgiu então uma oportunidade em frente à Praça do Derby, onde eu parava as bicicletas e vendia os lanches.



Desde o começo, o atendimento diferente, alegre e descontraído, com bordões, se destacou. O povo foi gostando e foi se fidelizando. Como tinha muita gente para atender, resolvemos padronizar o valor e chamar os itens do cardápio de 'comido' e 'bebido'. Assim, se tornou mais fácil fechar o pedido com o cliente. A sobremesa passou a se chamar 'fecha'.

Identificamos que o melhor horário para vender era à noite e de madrugada. Abrimos às 17h e fechamos às 6h da manhã. Vimos a oportunidade e deu certo, porque havia muitos pontos de movimento: postos de gasolina, Batalhão de Choque, hospitais, faculdades, o Hospital da Restauração, supermercados 24 horas e pontos de táxi. O cardápio nunca passou por mudanças significativas, e os carros-chefes são o x-egg, a coxinha e a natinha. Mas o que mais impressiona quem vai pela primeira vez é o 'temaki de frango'.





Com o tempo, passamos a ouvir que os lanches eram muito bons porque ‘salvavam’ nas madrugadas do Recife. Quando fixamos o ponto na Praça do Derby, a marca se consolidou. As pessoas que voltavam do trabalho, do hospital, de shows ou eventos já sabiam onde encontrar um lanche bom e barato na madrugada.

Na boca do povo, o Gildo Lanches já é patrimônio imaterial do Recife, embora ainda não seja reconhecido oficialmente. Seria uma honra receber esse título. Entre os clientes, algumas pessoas famosas se destacam, como Gustavo Mioto, Whindersson Nunes, João Gomes, entre outros. Temos uma equipe de oito colaboradores diretos e outros tantos indiretos, que são os fornecedores. Meu pai e meus filhos trabalham na administração do negócio junto comigo. Queremos expandir no futuro: organizar bem a matriz para depois pensar em filiais e franquias. Quem sabe, em um futuro próximo, não recebemos a honra de sermos reconhecidos como patrimônio gastronômico da cidade do Recife?” ■



Cartão do Empresário

O seu clube de benefícios



Até
20%
nos cursos do senac

Até
25%

nos hotéis, excursões,
passeios e outros
serviços do Sesc



Pague
Menos

movida
SITE

VIVARA

SITE

CASASBAHIA

SITE



netshoes

SITE



JPMULTIMARCAS
MODA MASCULINA

Amandine

E mais de 6.800 pontos de descontos em todo Brasil



www.cartaodoempresario.com.br



cartaodoempresario@fecomercio-pe.com



[@cartaodoempresario](https://www.instagram.com/cartaodoempresario)



(81) 9 9615-7488

Baixe nosso app



Baixe agora no
Google Play



Baixe agora na
App Store





Fecomércio e Você

Por Luis Sousa e Ericka Farias

Aprendizados que inspiram oportunidades

A série de seminários pós-Missão Empresarial Nordeste do Brasil ao Japão e à China, promovida pela Fecomércio-PE, percorreu quatro cidades do estado para compartilhar aprendizados e fortalecer parcerias



Para compartilhar as experiências que os participantes da Missão Empresarial Nordeste do Brasil ao Japão e à China vivenciaram, a Fecomércio-PE realizou uma série de quatro seminários entre os dias 21 e 23 de outubro, em Vitória de Santo Antão, Caruaru, Recife e Jaboatão dos Guararapes. Foi a vigésima missão internacional realizada pela Fecomércio-PE.

A missão de 18 dias reuniu 65 participantes, entre empresários, representantes de entidades de classe, parlamentares, autoridades públicas e dirigentes de instituições do Sistema S de estados como Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Rio Grande do Norte, além de Pernambuco. Na programação, encontros, visitas e participação em feiras internacionais em quatro cidades: Osaka e Tóquio, no Japão, e Shenzhen e Pequim, na China. A missão teve o apoio do Senac-PE, do Sesc-PE e do Sebrae-PE.

Os Seminários Pós-Missão Empresarial Japão e China – Experiências e Conexões somaram mais de 600 participantes e cerca de 260 empresas inscritas, consolidando-se como um espaço estratégico de difusão de conhecimento e fortalecimento de parcerias. Os encontros aconteceram em formato de talk-shows, nos quais os participantes se revezavam em suas considerações em uma conversa guiada pelo coordenador técnico da missão, Fábio Oliveira.

O presidente do Sistema Fecomércio/ Sesc/Senac Pernambuco, Bernardo Peixoto, destacou que o ciclo reafirmou o papel da instituição como ponte entre experiências internacionais e oportunidades locais. “Cada viagem internacional representa uma chance de aprendizado e de ampliação de horizontes. O Japão e a China mostraram que é possível crescer com planejamento, inovação e compromisso com as pessoas. Nosso papel é transformar essas experiências em ações concretas para Pernambuco”, afirmou.



Vitória de Santo Antão



Caruaru



Já o coordenador técnico da missão, Fábio Oliveira, ressaltou o caráter transformador da iniciativa. “Esses seminários são uma extensão viva da missão. O Japão nos ensina sobre precisão e eficiência, enquanto a China mostra como escalar a inovação. São visões diferentes, mas complementares, que nos inspiram a pensar Pernambuco com a mesma ousadia”, observou.

Vitória de Santo Antão

O primeiro seminário, realizado em 21 de outubro, na Unifacol, reuniu empresários, gestores públicos e representantes do setor de educação no município. Estiveram presentes Bernardo Peixoto, Fábio Oliveira, a diretora comercial da Sucesso no Resultado, Maria Helena Araújo; o prefeito de Vitória de Santo Antão, Paulo Roberto; e o empresário João Maciel, diretor-presidente do Lojão dos Calçados e presidente do Sincomcape-PE; além de lideranças locais e representantes do Sistema Fecomércio.

Um dos temas mais comentados foi a Expo Osaka 2025, referência para debates sobre inovação e sustentabilidade. O prefeito de Vitória de Santo Antão, Paulo Roberto, ressaltou o caráter humano das inovações apresentadas e destacou o pavilhão brasileiro como um dos pontos altos do evento, por valorizar a natureza e o povo como parte essencial do futuro sustentável. “A gente viu ali o que será o futuro, mas a maior tecnologia ainda será o ser humano. O pavilhão do Brasil me emocionou pela simplicidade e pela forma de valorizar nossa natureza e nossas pessoas. Se não cuidarmos disso, não teremos um futuro inovador”, disse.

Caruaru

No dia 22 de outubro, o auditório do Senac em Caruaru lotou para ouvir experiências da missão relatadas pelos empresários Manoel Santos, diretor-presidente da Cazanova Material de Construção e Distribuição e presidente do Sincomex-PE; Michel Jean, diretor-presidente da BCNE Contabilidade e diretor do Sindloja Caruaru; e Augusto Costa, CEO da Tok Prático e presidente do Sindloja Caruaru. Todos também participaram da missão.

Entre os temas destacados, Manoel Santos lembrou da participação no Seminário sobre Oportunidades de Investimentos e de Negócios no Nordeste do Brasil, última atividade da missão, ao mencionar as várias possibilidades de comercialização de produtos. “No caso de Pernambuco, há espaço para exportar frutas, confecção, móveis, entre outros. Há espaço para fazer negócios. Caruaru, por exemplo, tem muitos importadores da China”, afirmou.

Recife

Na manhã do dia 23 de outubro, a Casa do Comércio recebeu o terceiro seminário, reunindo empresários, gestores e instituições de ensino. Participaram Bernardo Peixoto, Fábio Oliveira, a empresária Regina de Fátima, do Lojão dos Calçados; o CEO da BBG Telecom, Bruno Campelo; e o empresário Elias Salomão, sócio-gerente da Drogaria Madalena e vice-presidente do Sincofarma-PE.

Bruno Campelo compartilhou com o público impressões sobre o dinamismo e a visão de futuro que marcam o ambiente de negócios chinês, onde inovação e logística caminham juntas. “A China é uma verdadeira escola de gestão e inovação. Eles têm uma capacidade impressionante de pensar grande e agir rápido, com foco em resultados e sustentabilidade. Isso nos inspira a repensar processos e buscar soluções mais eficientes”, comentou o CEO da BBG Telecom.

Jaboatão dos Guararapes

O ciclo se encerrou na noite de 23 de outubro, no Sesc Piedade, em Jaboatão dos Guararapes, reunindo empresários, gestores públicos e representantes da área de educação. Estiveram presentes Bernardo Peixoto, Fábio Oliveira, o prefeito Mano Medeiros, o empresário Felipe Freire e o diretor Roberto Wagner.

Felipe Freire, diretor financeiro do Atacadão MEC e presidente do Sindicom Jaboatão, compartilhou impressões sobre a Expo Osaka 2025, realizada no Japão, destacando os pavilhões do Brasil, Taiwan e o Future City como experiências que reforçam a importância da sustentabilidade e da tecnologia humanizada. “Precisamos entender nossas vocações, conectar instituições e criar um ecossistema colaborativo que envolva universidades, startups e empresas. Assim, o estado pode avançar em inovação sem deixar o interior para trás”, disse. ■



Rede Sesc de Educação

Para
CRESCER
de todas as formas.

Escolas em:

- Araripina
- Arcoverde
- Belo Jardim
- Bodocó
- Buíque
- Caruaru
- Recife
(Casa Amarela e Santo Amaro)
- Garanhuns
- Goiana
- Petrolina
- São Lourenço da Mata
- Surubim



MATRÍCULAS ABERTAS

EDUCAÇÃO INFANTIL E
ENSINO FUNDAMENTAL

Mensalidades com
condições especiais para
comerciários e dependentes
que possuam a Credencial
Sesc, Cartão do Empresário
Fecomércio-PE e
instituições conveniadas.



Acesse
educasesc.com.br
e saiba mais

Até
25%
de desconto

Cartão do
Empresário
O seu clube de benefícios

Sesc

Fecomércio
Senac





O dom de poder cantar...

BREGA

Entre melodias românticas, busca por reconhecimento e artistas que ecoam a voz das periferias, o brega se consolida como um dos movimentos culturais mais influentes da história contemporânea de Pernambuco



No dicionário, a definição de brega é algo “que é de gosto duvidoso; cafona; estilo considerado exagerado ou antiquado”, mas, para o recifense, a palavra remete a um estilo musical intimamente ligado à alma da cidade. O ritmo, nascido na periferia, fala de amor, cresceu, ganhou o Brasil e, mesmo vivendo em constante renovação, não solta as mãos de suas raízes.

“Antes de tudo, é importante reconhecer o papel central da música na construção da identidade cultural de Pernambuco. Na tradição popular, destacam-se gêneros como o frevo, o maracatu

e o mangubeat”, destaca o jornalista e professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Thiago Soares, autor do livro “Ninguém é perfeito e a vida é assim: a música brega em Pernambuco”. Para o professor, o aspecto romântico do brega é justamente o que o diferencia de outros ritmos tradicionalmente associados ao Recife. “O que eu acho que o brega traz ou acrescenta para esse debate é exatamente uma dimensão periférica e romântica. Isso me parece que acrescenta uma outra camada, porque, se a gente for pensar também historicamente, o amor nunca esteve muito presente nessas expressões culturais que evocam a identidade”, completa.

O brega teve sua formação nos anos 1960, como versões locais dos ídolos da Jovem Guarda. Historicamente, o gênero se encontra entre a seresta, os bailes de bairro na periferia e uma espécie de simulação periférica da Jovem Guarda. “O próprio Reginaldo Rossi vem desse contexto. Ele é uma espécie de versão local do Roberto Carlos, do Erasmo. Gradativamente vão entrando outras figuras no brega. No primeiro momento, a gente tem uma questão com as mulheres. Os anos 90, a aparição de Michelle Mello, de Elisa Mel, que vão dar uma espécie de resposta a essas músicas masculinas do brega. E, posteriormente, há o processo de jovialização do brega com o brega funk”, explica Thiago Soares.



Apesar do ritmo ter sucesso indiscutível na capital pernambucana, o fato de vir da periferia faz com que ele ainda sofra preconceito tanto da sociedade quanto nos estudos feitos nas universidades.

“O que mais me marcou durante a fase de pesquisa para escrever meu livro é uma relação muito contraditória com o brega^[1.1]. Aliás, as músicas periféricas têm essa relação contraditória. Ao mesmo tempo em que são legítimas expressões das periferias, elas também são olhadas de maneira enviesada por pessoas das classes altas, por acadêmicos. É uma relação muito contraditória.”

Identidade que ganhou reconhecimento

O brega foi reconhecido como expressão cultural de Pernambuco em 2017, garantindo espaço na programação de eventos custeados pelo Estado. Em 2021, tornou-se patrimônio imaterial do Recife e, em 2025, o dia 14 de fevereiro foi aprovado pelo Congresso como o Dia Nacional do Brega, em homenagem ao nascimento do cantor Reginaldo Rossi. O projeto de lei que deu origem à data foi apresentado pelo deputado federal Pedro Campos. “O que me motivou foi a certeza de que o brega é uma das expressões culturais mais potentes do Brasil e, ao mesmo tempo, uma das mais marginalizadas.

A gente tem que considerar que a cultura é um pilar fundamental para impulsionar a economia e o turismo, e o brega demonstra isso de forma muito concreta. Estamos falando de um setor que gera oportunidades reais, renda e desenvolvimento. Criar o Dia Nacional do Brega é uma forma de reconhecer essa força, valorizar os fazedores de cultura e garantir que o Estado olhe para esse movimento com o respeito que merece”, afirma.

Segundo o deputado, a data consolida o brega na agenda oficial do país e pode estimular novas produções, shows, festivais, editais e ações de incentivo voltados especificamente para o movimento, no âmbito da Política Nacional de Cultura Viva implementada pelo Ministério da Cultura. “No campo econômico, reforça um setor que já movimenta milhões. Segundo o Índice de Circulação Econômica do Brega (ICEB), só no carnaval de 2025, por exemplo, a cadeia produtiva do brega movimentou mais de R\$ 14,5 milhões na economia do Recife, entre cachês, empregos diretos e indiretos, alimentação, bebidas e toda a estrutura envolvida. Cada real investido pela Prefeitura do Recife na cena brega retornou quase o dobro para a economia. Então, quando a gente reconhece e oficializa a data, abrimos caminhos para ampliar emprego, renda e oportunidades”, completa o deputado.



Fotos: Diego Marcel

Conde



Vozes que ecoam sucessos

É impossível desassociar o brega das vozes que eternizaram seus hinos. Reginaldo Rossi ficou consagrado como rei do estilo, tanto por ser pioneiro quanto por ter estourado músicas nacionalmente. “Garçom”, de 1987, vendeu milhões de cópias e virou hino oficial da “dor de cotovelo”. Artista contemporâneo a Rossi, Ivanildo Marques da Silva, o Conde Só Brega, não apenas canta como compõe clássicos do brega pernambucano. Nascido e criado na Mustardinha, ganhou o apelido de “Conde” ainda na infância, quando o avô disse que ele tinha aparência de conde, inspirado na Avenida Conde da Boa Vista. “Na cabeça dele, esse era o maior título que uma pessoa pode ter”, completa.

Embora tenha iniciado na adolescência tocando em festas, depois atuando como guitarrista para outros artistas e até fazendo parte de uma banda de forró, foi no brega que Conde se firmou e viu o ritmo ganhar novas fronteiras. “Hoje o nosso brega é patrimônio imaterial do Recife. Estamos tentando ser patrimônio nacional. Nosso brega já atingiu não só o Brasil, mas também parte da Europa, onde hoje eu faço shows”, afirma o cantor, que está em campanha para o ritmo se tornar patrimônio imaterial de Pernambuco.

Na atualidade, Priscila Senna é uma das vozes mais potentes do gênero e arrasta multidões. Em agosto de 2025, gravou um DVD diante de cerca de 30 mil pessoas. “Com certeza, o amor que os recifenses têm pelo meu trabalho é o maior presente que posso ter todos os dias. O maior sonho realizei recentemente, que foi gravar um DVD no nosso Marco Zero, o maior palco da cidade”, afirma.

Segundo a cantora, o brega faz parte de sua identidade musical desde o início e o objetivo é vê-lo brilhar cada vez mais. “Comecei a cantar brega aos 11 anos de idade e continuo até hoje. Eu amo meu Pernambuco e o nosso brega. Ele hoje ocupa os grandes palcos e, se depender de mim, não vamos parar. Eu fico muito feliz com tudo que venho conquistando. E vem muito mais, tenho certeza”, comemora.

Cantora e atriz, Nêga do Babado é um dos grandes nomes do brega romântico pernambucano. Com projeção nacional conquistada em 2004, a partir do sucesso “Milk-Shake (Eu Gosto Assim...)”, a artista se consolidou pela voz única, presença de palco intensa e personalidade marcante, características que refletem a forma como ela compreende o brega para além da música. “Além de ser um movimento cultural e de resistência, o brega é um movimento em que não há desistência, e sim crescimento e evolução. Viva o nosso brega! A periferia vence a cada dia e é de onde vêm muitos talentos, dando voz à nossa cultura”, destaca.



Foto: Raul Bittencourt

Priscila Senna

Foi no brega também que a trajetória de Dany Myler começou. Aos 14 anos, tornou-se vocalista da banda Lolita, de tecnobrega, que misturava o brega pernambucano com nuances do brega paraense. “Eu sou fruto do brega, tudo que eu sou hoje artisticamente, enquanto mulher, na música e a minha experiência profissional artística, eu devo ao brega, porque é o brega que oportuniza. Eu sou uma das maiores defensoras do movimento brega pernambucano exatamente por isso.”

Nascida na periferia do Recife, Dany Myler vê o brega como muito mais do que um estilo

musical. “É um movimento social de resistência. O brega representa uma comunidade muito grande, não só de fazedores de cultura, mas de pessoas que são impactadas indiretamente e diretamente pelo nosso movimento. Nós somos formadores de opinião. Eu sempre falo que o brega vai além da música, não é só música. O brega é também comércio. O brega é também a oportunidade de transformação de vida com a renda do seu trabalho, porque a gente movimenta não só a classe artística, mas também a forma como as pessoas se vestem, a forma como as pessoas consomem tudo que está em torno do brega.”

Fotos: @aregobarrosfoto



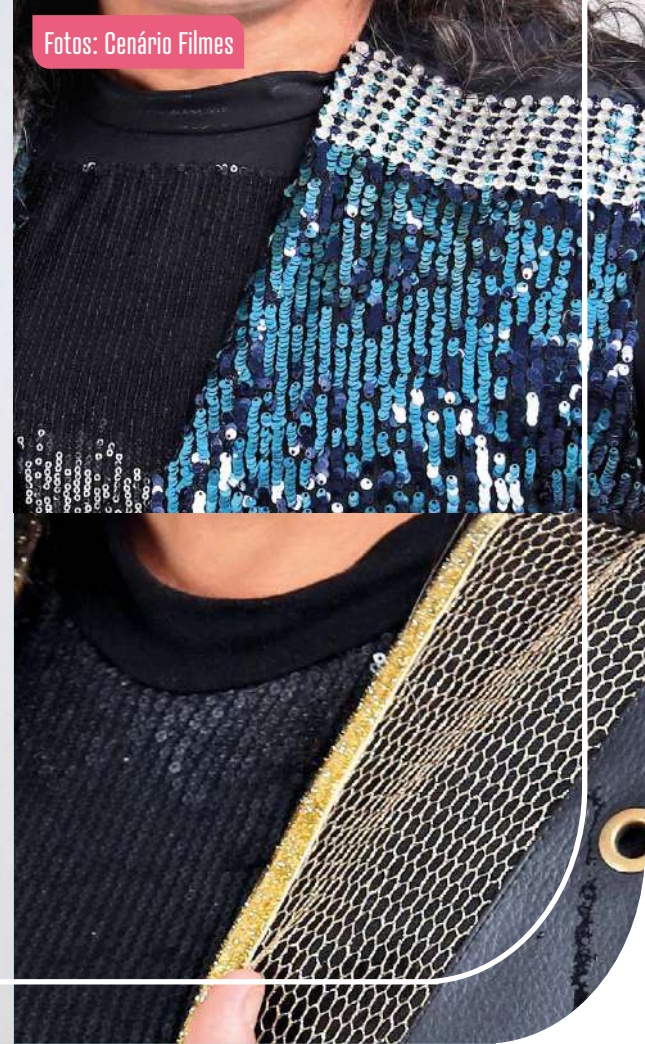
Nêga do Babado



Dany Myler



Kelvis Duran



De Fora, mas do brega

Natural do Rio Grande do Norte, Kelvis Duran é um dos exemplos de artista que nasceu fora de Pernambuco, mas, mesmo assim, se encantou pelo brega. “A minha trajetória pessoal no brega começou quando eu cheguei em Recife, no início dos anos 2000. Eu vim com uma banda de forró e, chegando aqui, fui ouvindo um pouco da Banda Calypso, Labaredas, e eu senti firmeza. Vi que as letras eram muito verdadeiras. Então, me apaixonei pelo ritmo brega. Me identifiquei, trouxe um pouco da bachata (ritmo da República Dominicana) para o brega e deixei a banda”, destaca. Como cantor de brega, Kelvis viveu momentos marcantes em sua carreira. “Quando estouraram as músicas ‘Que Tontos, Que Loucos’, ‘Perdoa-me’, ‘Perdidos’. Essas minhas músicas fazem história até hoje”, relembra.

Reinvenção sem esquecer a tradição

Nascida em São Paulo, Raphaela Santos é hoje uma das principais vozes do brega. “O brega é um sentimento que ultrapassa território. Mesmo não sendo do Recife, eu me sinto parte dessa cultura porque o brega acolhe, abraça e representa quem canta com verdade. Hoje, eu canto o brega com respeito, responsabilidade e muito amor, levando essa identidade pra onde eu passo, sendo em Pernambuco ou em outros estados como alguém que foi escolhida por esse ritmo”, ressalta a cantora.



Muito popular nas redes sociais e entre os mais jovens, o brega funk é visto como um novo estilo de brega que vem ganhando espaço principalmente por suas dancinhas e alta possibilidade de viralização.

“O brega funk traz à tona essa dimensão do racismo. Muitos artistas de brega funk são chamados de maloqueiros. O nome Passinho dos Malocas, que é uma coisa de orgulho, também é hostilizado muitas vezes pela polícia. Então, a relação do brega com o recifense é uma relação muito contraditória. Você tem um orgulho, mas também você tem ali uma série de estigmas com essa expressão cultural”, afirma o jornalista Thiago Soares.

Quando se fala de brega funk, o nome de Anderson Neiff se destaca pelo número de hits populares entre os jovens e viralizados na redes sociais. O cantor e dançarino, que é nascido e criado no Ibura, no Recife, se define como “Nem melhor, nem pior: o diferenciado!” e já acumula mais de 10 milhões de seguidores no Instagram. Anderson Neiff é um destaque no campo da influência digital, dessa capilaridade digital do brega. É uma figura importante para entender o brega neste contexto atual. ■



Fotos: Reprodução



Raphaela Santos



Há 80 anos a CNC faz parte da história de quem faz o futuro do Brasil acontecer.

Há 80 anos a CNC atua em favor do setor empresarial contribuindo para o crescimento de um Brasil forte e próspero. Viu nascer gerações de empreendedores que empregam e movimentam a economia. Hoje, são mais de 7 milhões de estabelecimentos representados que geram mais de 43 milhões de empregos. **É um orgulho para a CNC participar da história do Brasil e de tantas gerações de brasileiros.**





Entrevista

por Tainá Silva e Ericka Farias

"O BREGA
é *extraordinário*
dentro da sua simplicidade"



Com uma trajetória marcada por coragem, perdas profundas e renascimentos, Michelle Melo defende o brega como movimento cultural da periferia e reafirma sua identidade artística por meio da força da comunidade

Michelle Melo não é apenas uma das vozes mais marcantes do brega pernambucano, ela é o próprio retrato de um movimento que nasceu da coragem, da comunidade e da insistência em existir apesar de tudo. Da menina que fugiu aos 6 anos para cantar numa rádio ao ícone que atravessou preconceito, perdas e renascimentos, Michelle carrega uma trajetória que mistura dor, força, cultura e identidade.

Nesta entrevista, ela revisita a infância humilde, o sucesso, a criação da personagem que a protegeu do preconceito no auge, o reencontro com a própria essência por meio do projeto “Encosta que é brega”, entre outros assuntos. Mais do que falar de si, Michelle reivindica o respeito à história do brega, à periferia que o criou e às mulheres que lutam todos os dias para existir dentro desse universo.





Informe Fecomércio-PE - Como surgiu o sonho de seguir a carreira de cantora e quando você se aproximou da música pela primeira vez?

Michelle Melo - Desde muito pequena, eu já queria ser cantora. Com 6 anos, eu fugi da moça que cuidava de mim e fui sozinha pra Rádio Capibaribe dizendo que queria cantar. Fiquei o dia todo lá, enquanto minha família me procurava até na delegacia. Depois disso, nunca mais larguei o sonho: com 14 anos entrei em uma bandinha de garagem, conheci o músico Gil Cordas, cantei em barzinhos e orquestras. A música sempre foi meu caminho, mesmo antes de eu entender o que era carreira. Com 18 anos, fui morar em Fortaleza para cantar em uma banda de lá.

IF - Como começou sua trajetória no brega e quais elementos desse movimento chamaram sua atenção?

MM - Entrei no brega com 19 anos, quando voltei de Fortaleza porque não aguentava ficar longe da minha mãe. Naquela época, eu era uma menina, as bandas que eram estouradas eram Labaredas, Camelô, Conde. E eu ficava encantada porque achava o brega muito perto. Todos os outros estilos musicais que eu havia cantado tinham distância do artista para o público. E o brega não, porque eu via que quem divulgava era as pessoas da comunidade, eu via que nos shows eram as pessoas da comunidade que estavam, ou seja, era a comunidade valorizando a comunidade.

Foi isso que mais me encantou. Comecei no brega pela banda Cabaré e depois fui para banda Metade, já com 20 anos, e foi lá que gravei "Lua de mel". Eu juro que gravei achando que ninguém ia nem saber que era eu, gravei só pensando em ganhar um dinheirinho, mas, em uma semana, a música virou a mais tocada do Recife. Onde eu passava, me ouvia cantando. E eu, que entrei pensando que ia passar pouco tempo na banda e sair, comecei a ganhar um dinheiro que, mesmo pouco, já mudava minha vida. Isso me fez ficar, mesmo enfrentando muito preconceito por ser mulher, por causa das músicas sensuais, do jeito que eu me vestia e da cena dominada por homens. Mas aquele universo tinha algo que nenhuma outra música me deu: proximidade, verdade, povo. Foi aí que eu entendi que o brega era meu lugar.

IF - Como você lidou com as críticas na época em que começou?

MM - Era extremamente difícil. Mulher já sofria preconceito naturalmente; no brega, pior ainda. A roupa que eu usava, o brilho, a bota, a ousadia da música, tudo era alvo de julgamento. Como eu era nova e não queria desistir, criei uma mulher para subir ao palco inspirada em três mulheres do cinema: Miranda Priestly ("O diabo veste Prada"), Catherine Tramell ("Instinto selvagem") e Vivian Ward ("Uma linda mulher") para aguentar as pedradas. Essa personagem me dava força para cantar músicas sensuais num meio dominado por homens e para me impor sem perder minha essência.



IF - Como a sua vivência na infância e o vínculo com sua mãe contribuíram para a construção da sua trajetória?

MM - Minha infância foi marcada pela pobreza, mas também por muita força. Minha mãe vendia assinatura de revista para manter a casa e, mesmo sem dinheiro, sempre foi amor, entrega e generosidade. Eu só tinha roupa nova em datas específicas e comprada na feira de Água Fria. O que doía em mim não era não ter, era ver minha mãe não poder me dar mais. Ela teve câncer uma primeira vez e conseguiu a cura, mas um segundo câncer apareceu e ela acabou falecendo recentemente. Eu perdi meu chão e quis desistir de tudo. Ela sempre foi minha base, minha força e minha maior inspiração.

IF - Como surgiu o “Encosta que é brega” e como ele lhe reconectou com sua essência?

MM - O projeto nasceu quando eu estava no fundo do poço. Depois da morte da minha mãe, eu queria desistir de tudo. Meu marido tentou reacender minha veia artística propondo um DVD, mas eu dizia não, porque não via mais alma no brega atual. Eu queria proximidade, simplicidade, verdade. Queria um show como festa de família, mesa de bar, artistas que representam a história real do brega, som raiz e público pertinho de mim. Foi assim que nasceu o “Encosta que é brega”, que me devolveu vida e sentido. O projeto é um encontro nostálgico com os melhores sucessos do brega.





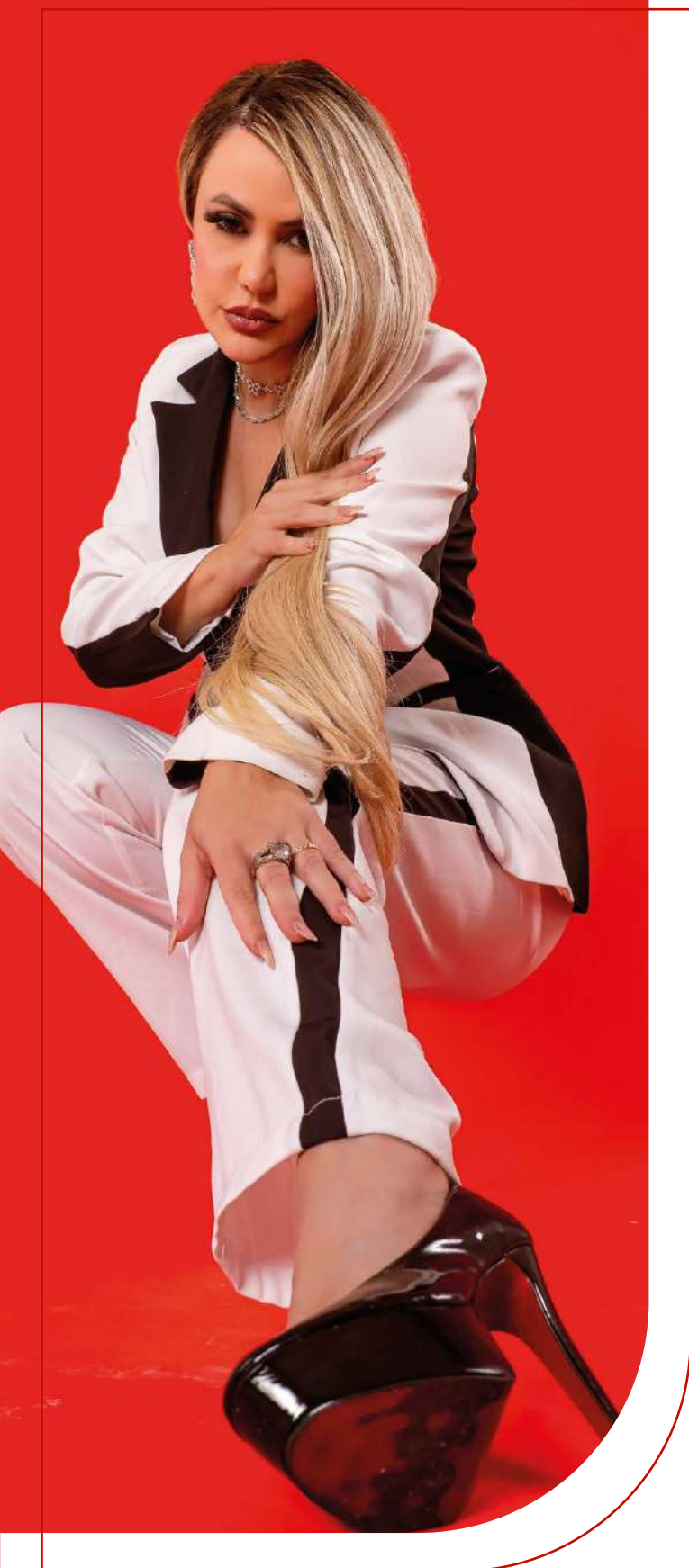
IF - Qual é sua visão sobre o brega enquanto movimento cultural e social?

MM - O brega é a voz da periferia, do autodidata, de quem não teve oportunidade, mas teve coragem. Ele emprega dançarinos, músicos, produtores, blogueiros, grafiteiros, humoristas, todo um ecossistema cultural. Ele está em todos os cantos de Recife, na vida das pessoas, no cotidiano. O brega é extraordinário dentro da sua simplicidade. Ele é resistência, identidade, pertencimento. Quem diz que não é cultura está negando o próprio povo. O brega me ensinou que não adianta tentar ser o que os outros querem. Se você tenta entrar num padrão que não é seu, você perde sua verdade, sua arte e sua felicidade. O brega é exatamente o oposto disso: é sobre se aceitar, se assumir, dizer “é isso aqui que eu sou”. Quem quiser acompanha. Quem não quiser fica pelo caminho. E não tem problema. Não é sobre ser maior ou melhor. É sobre ser verdadeiro.

IF - Na sua visão, qual é a importância de reconhecer os artistas antigos e preservar a essência do brega?

MM - Eles construíram tudo o que existe hoje. Sem Reginaldo Rossi, Labaredas, Conde, Walter de Afogados, não haveria cenário nenhum para nova geração ocupar. Eles fizeram história sem estrutura, sem maquiagem profissional, sem efeitos especiais, só com coragem e música boa. A nova geração precisa entender que sucesso não é só número ou visualização. É legado. É respeito. E o brega está perdendo isso. Por isso faço questão de trazer os antigos de volta e mostrar a magia que eles carregam.





IF - Quem é Michelle Melo atualmente e qual mensagem você gostaria de transmitir?

MM - Hoje eu sou uma mulher que não conseguiu deixar de ser menina. Passei pelo auge, pelo esquecimento, pelo ressurgimento e pelas dores mais fortes da minha vida. Do fundo do poço, nasceu a cantora, a empresária, a influenciadora responsável e, principalmente, uma mulher consciente do papel dela dentro do brega. Minha mensagem é: o brega não é sobre mim. É sobre todas as meninas da periferia que sonham sem ter apoio, que enfrentam preconceito, que usam o que têm nas mãos para sobreviver. É sobre respeitar o povo que constrói cultura todo dia. É sobre não desistir. É sobre saber que ninguém tem o direito de dizer onde o pobre deve ficar. O brega é movimento, é força, é resistência e é maior do que qualquer nome. ■

Quer aumentar
suas chances no mundo
do trabalho, estudando
do seu jeito e com
a flexibilidade do melhor
ensino a distância?

QUER SABER?
SENAC EAD!

SEJA ESCOLHA O SEU
QUEM CAMINHO
VOCÊ CONQUISTE SEUS
QUER OBJETIVOS
SER Tome suas
DECISÕES



SAIBA MAIS:
EAD.SENAC.BR

 **Senac** Fecomércio
Sesc

Aprenda inglês

**fast
AND
easy**

Cursos
de idiomas
senac

Melhor custo-benefício
Diversas opções de horários


Senac
pe.senac.br/idiomas
Aprenda Rápido e Fácil

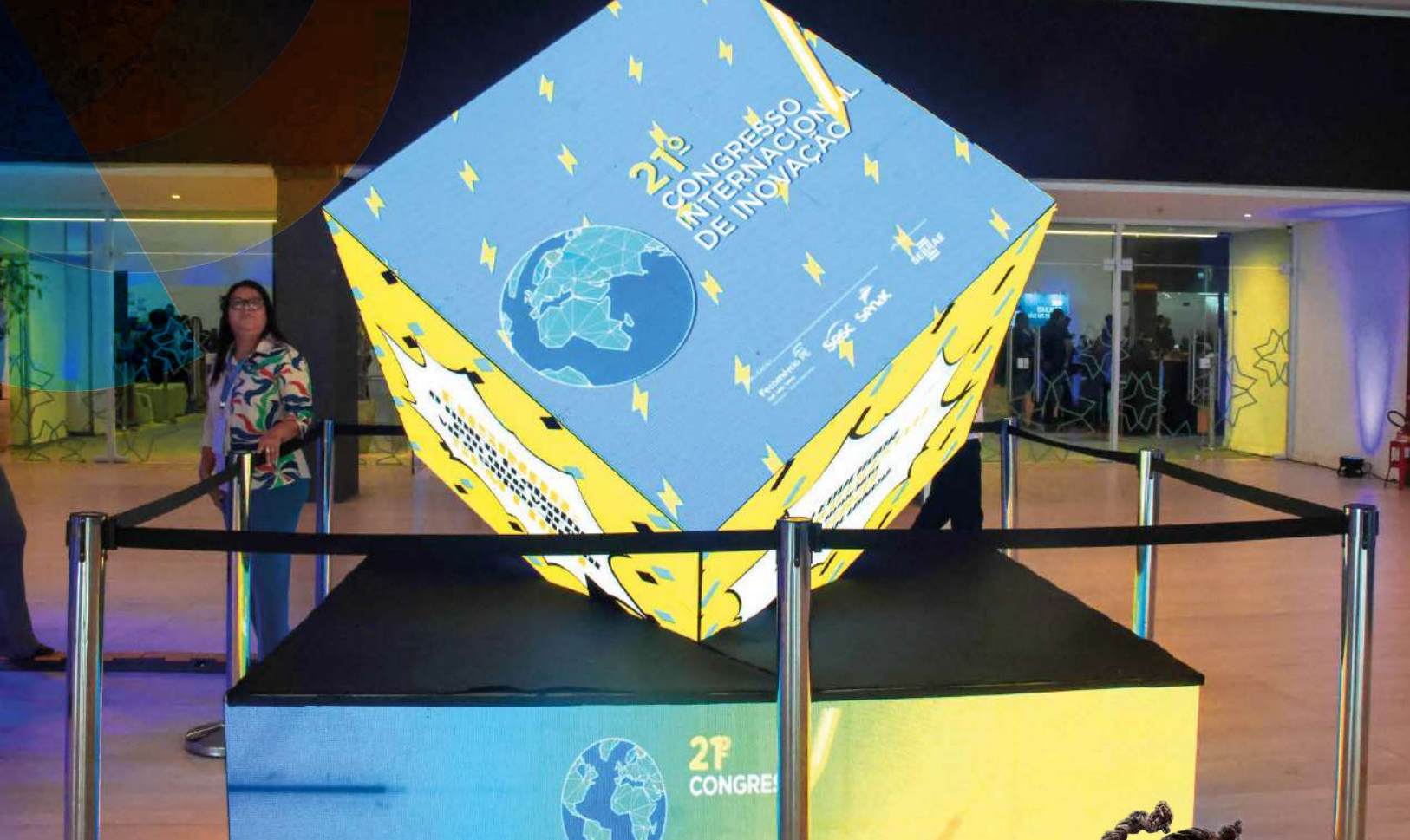




Fecomércio e Você
Por Letícia Assef

Educação em movimento: 21º Congresso Internacional de Inovação na Educação promove troca de saberes no Recife





Em três dias, o evento reuniu mais de 2.300 participantes e ampliou debate sobre o futuro do setor educacional

Durante três dias intensos, o Recife se transformou em um verdadeiro laboratório de ideias, em que o presente e o futuro da educação foram colocados em pauta. De 1º a 3 de outubro, o 21º Congresso Internacional de Inovação na Educação reuniu mais de 2.300 participantes – sendo 1.749 presenciais, no Recife Expo Center, e 602 conectados virtualmente – promovendo uma rica troca de experiências, saberes e propostas inovadoras.



Organizado pelo Sistema Fecomércio/Sesc/Senac-PE, o evento teve como tema “Educação em movimento. Grandes ideias, novos caminhos” e contou com representantes de 23 estados e 158 cidades. A programação foi robusta: mais de 20 palestras, 22 lançamentos de livros e mais de cem atividades em espaços interativos. Uma verdadeira imersão em reflexões sobre os desafios e possibilidades da educação contemporânea.





Para Anna Beatriz Waehneltdt, diretora de Educação Profissional do Senac Nacional, o evento conquistou projeção no país: “Esse congresso já entrou no calendário do Brasil, da educação, do Senac, da Região Nordeste, e isso é muito. Esse projeto tem abrangência, porque ele tem uma continuidade de 21 anos, e consegue mobilizar a rede do Senac e especialistas mundiais. Além disso, é relevante, porque a cada edição ele se atualiza, nos ajuda a nos atualizarmos em relação à educação profissional”.

O presidente da Fecomércio-PE, Bernardo Peixoto, reforçou o papel coletivo na realização. “Tenho que agradecer à nossa equipe. Não é fácil fazer um congresso desse. E todo ano a gente fica surpreendido. Vejam o padrão. Tudo isso aqui é mantido pelo comércio de bens, serviços e turismo de Pernambuco. Então temos que agradecer aos empresários que financiam para estarmos aqui agora. Acredito que todos nós saímos mais fortes e mais sabidos, com mais conteúdo na vida”, disse.





Palestra com Nina Silva



Palestra com Thomas Kiss

Destaques do auditório principal



Logo no primeiro dia de evento, os congressistas lotaram o auditório principal para assistir a palestra “Educação empreendedora: inclusão, tecnologia e novas economias para o futuro”, ministrada por Nina Silva, fundadora do Movimento Black Money. Ela, que é uma das cem pessoas afrodescendentes mais influentes do mundo com menos de 40 anos, conduziu uma conversa sobre o papel da inovação como ferramenta de democratização do acesso à educação e no estímulo ao empreendedorismo inclusivo. “Falar de tecnologia é garantir futuro, falar de acesso a tecnologia é garantir

que as nossas crianças e jovens continuem a sonhar e a transformar as realidades das suas famílias”, destacou.

Já no segundo dia de Congresso, Thomas Kiss subiu ao palco para falar sobre conectar redes para o cuidado com o planeta. O engenheiro e líder do Hub ODS do Pacto Global da ONU em Pernambuco enfatizou que a educação é a peça-chave para avançar nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). “Sem educação a gente não vai para lugar nenhum. A escola é a maior plataforma que a gente tem para poder transformar”, disse.



No terceiro e último dia de evento, o professor pernambucano Givanilson Soares foi um dos destaques, abrindo o auditório principal com a palestra “Educar com afeto e wi-fi: a magia do lúdico na era digital”. Durante a palestra, o professor da rede pública do Recife colocou o público para dançar e cantar, mostrando na prática como educar com afeto e ludicidade. Givanilson também reforçou que hoje o educador precisa conectar o mundo real ao virtual com cuidado e uso adequado: “as telas podem ser pontes para o aprendizado”.

Fechando o Congresso, o comunicador Marcelo Tas compartilhou histórias de sua carreira e reflexões sobre o impacto das transformações tecnológicas na educação. Ele também refletiu sobre como cada inovação traz medo, mas como também traz oportunidade. “O medo é importante. Ele serve para você se preparar, ganhar coragem”, disse. Ainda enfatizou o valor da curiosidade e da capacidade de fazer boas perguntas como diferenciais frente à ascensão da inteligência artificial: “Quem não quiser ser substituído por um robô, basta não trabalhar como um robô”.



Palestra com Givanilson Soares



Palestra com Marcelo Tas





A entrega da 10ª edição do Prêmio Lucilo Ávila



Samuel Britto



Outras atividades do 21º CIIE

Dentre outras atividades da programação, o Espaço Conexões Literárias chamou atenção com o lançamento do livro “A impudorada do Sertão – histórias de mulheres agredidas”, do jornalista Samuel Britto. A obra, que teve apoio do Senac-PE, é o segundo livro do jornalista e traz a temática do combate à violência contra a mulher, retratando a força e determinação da mulher nordestina. Samuel ressaltou o impacto do evento: “Eu lancei o livro aqui no ano passado e, hoje, ele já está publicado em 15 países. O congresso tem um poder muito grande de divulgação”.

A entrega da 10ª edição do Prêmio Lucilo Ávila, que reconhece experiências pedagógicas inovadoras em instituições de ensino de Pernambuco, também foi destaque. A vencedora foi Catarina Fraga Marinho, da Escola de Referência em Ensino Médio Engenheiro Lauro Diniz, no Ipsep, com o projeto “Educação antirracista em prática: um relato de experiência sobre a consciência negra no Ensino Médio em Pernambuco”. Emocionada, ela afirmou: “Esse prêmio veio num momento em que eu estava bem para baixo com a educação.

Veio para me dizer: ‘Vai lá, Catarina, continua, você está no caminho certo’”.

Com tanto conteúdo relevante, o 21º Congresso Internacional de Inovação na Educação consolida Pernambuco como um polo de referência em inovação educacional. Professores, gestores e estudantes saíram do evento munidos de novas ideias, práticas pedagógicas e, sobretudo, inspiração para transformar suas realidades escolares, aproximando tecnologia, inclusão e aprendizado significativo. ■





Um Novo Olhar
Por Amanda Myrtes

Capibaribe

espelho da alma recifense



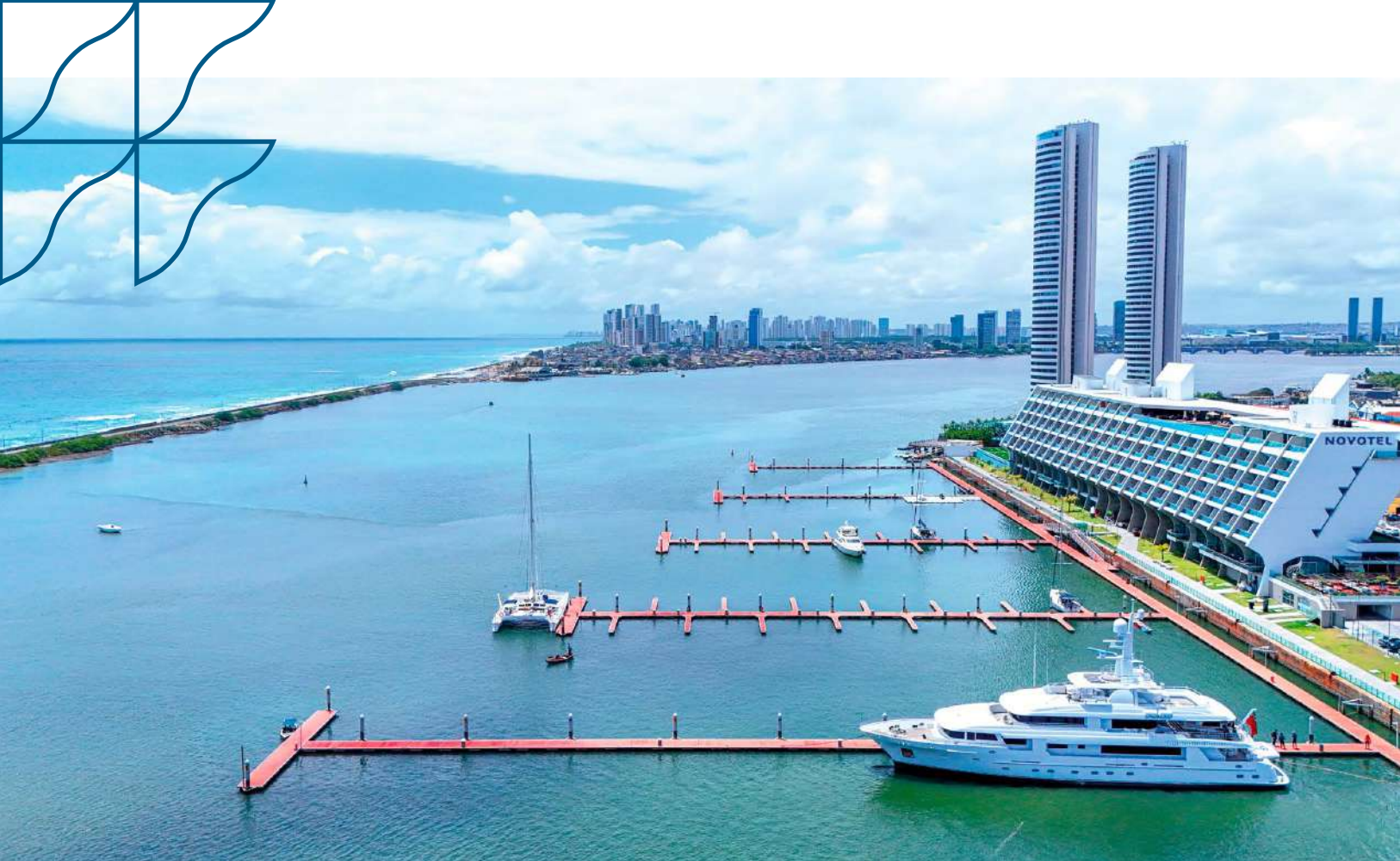


**Um rio que costura cidades, memórias
e afetos e segue sendo a linha d'água
onde o Recife se reconhece**

Andar em Pernambuco e não trocar olhares com as suas águas é praticamente impossível. Em 240 quilômetros de extensão, atravessando 42 municípios – incluindo São Lourenço da Mata,

Paudalho, Limoeiro, Salgadinho, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama –, o Rio Capibaribe tornou-se tela para o nascimento da capital de Pernambuco, o Recife, serpenteando pela cidade, costurando bairros e, ao mesmo tempo, renovando-se como espaço de lazer, turismo, esporte e memória.





O rio desde o início

As primeiras referências ao Capibaribe remontam ao período colonial. Segundo José Marcelo Ferreira, professor do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), muito antes da invasão da portuguesa, o rio já exercia sua influência na rotina dos moradores. “Antes da chegada dos portugueses, comunidades indígenas viviam o rio que recebe esse nome Capibaribe por conta de uma espécie animal muito comum na sua fauna: a capivara. Com a ocupação portuguesa, diversos engenhos foram instalados ao longo do rio, sendo a economia açucareira um dos principais

motivos da presença nas margens do Capibaribe ao longo dos séculos. E, até o final do século 19, o rio ainda era frequentado por banhistas e pairava sobre ele uma aura de contemplação, tanto que as casas eram construídas de frente para o rio (e não de costas, como hoje)”, diz o professor, que é doutor em História pela UFPE.

Suas águas já testemunharam batalhas, festas populares, encontros de amores, bois que “voam” e formação de cidades, mas, foi no final do século 19, que o rio começou a ser transformado – estrutural e imagetivamente. “Tudo isso

mudou com a instalação das usinas de açúcar no final do século 19 e início do século 20. No século 20, a montante do rio, ainda era possível cultivar os banhos e recreações nas águas do Capibaribe. A jusante das usinas, devido aos despejos das caldas (vinhoto), o rio era densamente poluído, sobretudo na época de safra”, destaca o professor. Assim, o Capibaribe, que antes era uma extensão da própria casa de quem vivia nas proximidades, foi se transformando em um espaço esquecido pela população, usual apenas para despejo industrial, tornando-se, posteriormente, um problema ambiental.

Mudança no ver e no viver do rio

Nas últimas décadas, a população vem tentando se aproximar do rio. Uma das principais formas de (re)descoberta do Capibaribe são as experiências de lazer com os passeios de catamarã. Essa transição marcou a trajetória de Juliana Brito, diretora do Catamaran Tours, empresa familiar de passeios de barco, com 29 anos de atuação no Recife. “Quando a minha família começou a navegar em 1996, não se costumava passear no Capibaribe. Isso mudou, hoje vejo as pessoas se apropriando novamente do rio e aí a gente

vai aos poucos mostrando pro recifense o Recife visto de dentro do Capibaribe”, relata Juliana.

Atualmente, o rio é cenário para tour todos os dias, em todos os horários, para pessoas como o pernambucano Rômulo Halliday, que está chegando à marca de cem passeios de barco no Capibaribe. “Desde os anos 60, sou enfeitiçado pelo rio. Sempre ficava na Torre, olhando para ele e filosofando sobre a vida. Só no ano 2000, eu fiz meu primeiro passeio e fiquei totalmente encantado”, relata Rômulo.

O rio é também cenário de esportes aquáticos, como remo, caiaque e stand up paddle, como relata o remador Pedro Ferreira: “Minha primeira vez remando no Capibaribe foi em 2009. Hoje, com mais de 15 anos remando, não consigo expressar o que sinto em navegar no Capibaribe, além do privilégio, e gostaria que todos pudessem vivenciar isso. Nosso rio é conexão, renovação, troca, energia, vida”, completa o atleta, que é gerente do Departamento de Remo do Clube Náutico Capibaribe e coordenador da seleção brasileira de remo paralímpico. 🟡



1º Congresso GERONTO SESC

Um novo olhar biopsicossocial
sobre o envelhecimento





Fecomércio e Você

Por Lúcio Silva

Envelhecimento em pauta

Primeira edição do Congresso GerontoSesc discute um novo olhar sobre o envelhecimento e as melhores práticas para uma vida plena aos 60+



Olhar para o envelhecimento considerando todos os fatores da vida é o ponto de partida da primeira edição do “Congresso GerontoSesc – um novo olhar biopsicossocial sobre o envelhecimento”. Promovida pelo Sesc Pernambuco, entre os dias 29 e 31 de outubro, a iniciativa movimentou o Cais do Sertão, no Bairro do Recife, reunindo mais de 500 pessoas, entre pesquisadores, estudantes, especialistas e interessados no tema.



O debate é mais urgente que nunca. Dados do IBGE mostram que a população de pessoas idosas no Brasil, acima dos 60 anos, quase duplicou nas últimas duas décadas, saindo de 8,7% da população, no ano 2000, para 15,6%, em 2023. Em números totais, saltamos de 15,2 milhões para 33 milhões de pessoas idosas em todo o país. As projeções da instituição indicam que, até o ano de 2070, chegaremos a mais de 75 milhões de pessoas acima dos 60 anos, quase 40% da população total.



Referência no debate e na promoção de atividades dedicadas a esse público, o Sesc Pernambuco promove o encontro para qualificar ainda mais a discussão do assunto na esfera civil. “A velhice é a grande conquista dos últimos cem anos”, destacou o gerontólogo Alexandre Kalache, codiretor do Age-Friendly Institute, de Boston, Estados Unidos, autor do “Pequeno manual anti-idadista”.

Nome conhecido globalmente por pesquisas sobre o envelhecimento, Kalache abriu o evento, chamando atenção para os principais desafios a

serem superados. “Ninguém fica velho de repente. Você será na velhice um somatório das experiências que você viveu ao longo da vida. A vida está se tornando uma corrida de maratona com revezamento. Chega uma hora em que você tem que entregar o bastão. E nada rima melhor com longevidade do que intergeracionalidade e solidariedade também”, pontuou o gerontólogo.

Para ele, o idadismo ainda é uma das grandes barreiras, relegando à pessoa idosa um lugar de silêncio, isolamento e

incapacidade. “Envelhecer é bom, morrer cedo é que não presta e nós vamos ter que deixar de ser idadistas”, defendeu o médico.

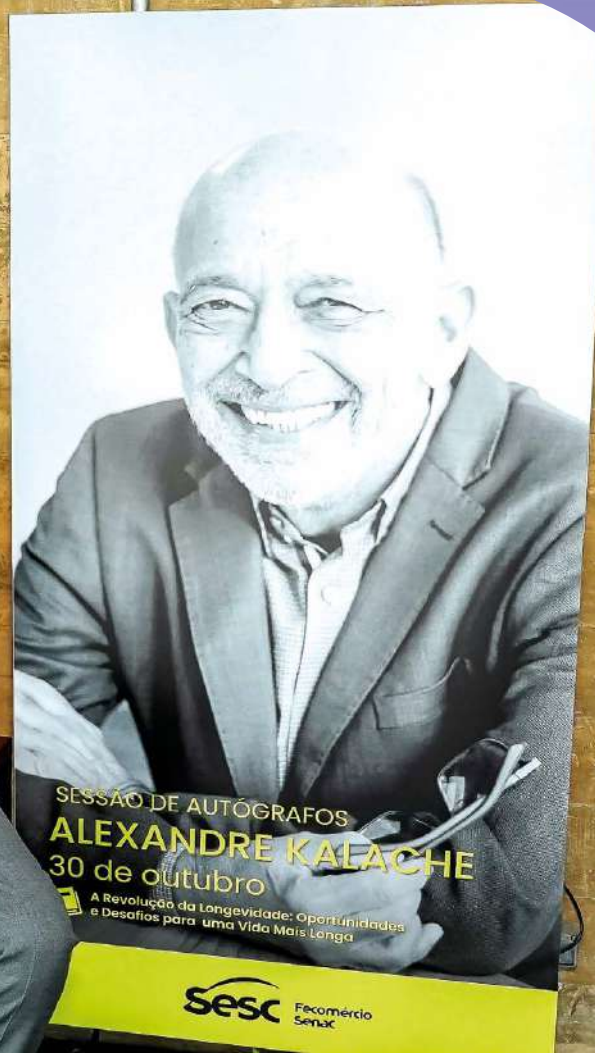
O problema também é de ordem estrutural, afinal, o tempo não para e a demanda por cuidados aumenta. Quem tem 35 anos hoje já será um sexagenário em 2050 e vale destacar que o único grupo que continua a crescer no nosso país é o de 60+.

“E há a pessoa que necessita de cuidado, que é um grande desafio do envelhecimento, em uma população ainda com muita pobreza e desigualdade.”



Envelhecer é bom,
morrer cedo é que
não presta e nós
vamos ter que deixar
de ser idadistas “

Alexandre Kalache





O especialista também chamou atenção para o papel das inovações tecnológicas, principalmente as advindas da inteligência artificial, no contexto da longevidade. “A inteligência artificial vai virar de ponta-cabeça, dar uma cambalhota em tudo que a gente faz, ouve e pretende nessa nossa mais longa vida”, assegura. Para ele, o envelhecimento rápido, em uma população ainda com muita pobreza e desigualdade, vai ser beneficiado pela tecnologia, que vai tornar esse processo de cuidar das pessoas mais fácil, mais barato, mais acessível.

Além do olhar biopsicossocial trazido por Alexandre Kalache, o GerontoSesc discutiu violência contra mulheres idosas, o papel da atenção multiprofissional, estratégias humanizadas de cuidado, luto, o acolhimento do envelhecimento, inteligência artificial, direitos da pessoa idosa e a produção de uma carta à sociedade em defesa desses direitos. ■



Por falar em economia

por Rafael Lima



Portal do Hub do Comércio amplia acesso a informações e gestão empresarial

A demonstração do Portal do Hub do Comércio marcou um importante avanço na distribuição e integração de dados macroeconômicos de Pernambuco. A apresentação ocorreu durante o Rec'n'Play, no ICT Senac, reunindo representantes do Sistema Fecomércio-PE e parceiros do setor produtivo.

Ao longo de 2025, o Hub tem contribuído com estudos e pesquisas estratégicas, incluindo projeções para datas comemorativas, análises sobre o impacto de tarifas alfandegárias, avaliações de projetos de lei e o desenvolvimento de novos formatos de leitura de dados econômicos.

O portal, iniciativa da Presidência do Sistema Fecomércio-PE voltada à inovação e ao desenvolvimento institucional, foi estruturado de forma modulável, possibilitando a adaptação às necessidades específicas de cada usuário. A plataforma oferece acompanhamento de indicadores como fluxo de caixa empresarial, endividamento e consumo das famílias, confiança do empresário do comércio e comércio exterior.

Além disso, os usuários contam com ferramentas de apoio à gestão, como calculadoras de inflação e precificação, que auxiliam nas decisões internas das empresas, bem como acesso a pesquisas exclusivas do Hub, apresentadas de forma interativa e acessível. ■

No

Senac

é assim:

77%

conseguem um
emprego.

86%

melhoram o
desempenho

57%

mudam para um
emprego melhor.

Cursos Técnicos Senac
Faça sua carreira acontecer.

Inscriva-se



20%
de desconto

Cartão do
Empresário
Aproveite essa oferta!



Mediatec SENAC O ENSINO MÉDIO 2 EM 1



ENSINO TÉCNICO em
Desenvolvimento de Sistemas,
Jogos Digitais ou Logística

+ Preparação para a
UNIVERSIDADE



**E AINDA:
CONCLUI
MAIS RÁPIDO
O CURSO SUPERIOR NA
FACULDADE
SENAC**



PROCESSO SELETIVO ABERTO
PE.SENAC.BR/MEDIOTEC



Senac